

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR

IVAN VALE DE SOUSA  
(ORGANIZADOR)



# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR

IVAN VALE DE SOUSA  
(ORGANIZADOR)



2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Karine de Lima  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L755	Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-874-8 DOI 10.22533/at.ed.748192312  1. Artes. 2. Letras. 3. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## APRESENTAÇÃO

Bem-vindos, leitores e leitoras às dezenove reflexões que compõem este belíssimo e-book!

A própria identidade deste livro já anuncia aos leitores a pluralidade de conhecimentos que será encontrada em cada um dos trabalhos, em cada um dos autores e das referências utilizados. São textos que interagem a partir de uma estética multidisciplinar, criando cartografias de múltiplos saberes, ampliando múltiplos olhares, sobretudo por partirem de contextos variados de produção, reflexão e investigação do conhecimento.

A originalidade deste e-book se encontra inserida na pluralidade das reflexões que os autores propõem para o campo da pesquisa em multifacetados contextos em que a linguagem toma forma e inebria-se de sentidos. Todo texto apresentado é único pelo seu campo de investigação, o que não o torna uma ilha, mas cada um constitui-se de uma grande colmeia de saberes.

As discussões deste e-book são realizadas a partir múltiplos discursos, de muitas mãos, de muitos pensamentos que ao mesmo tempo em que problematizam, indicam caminhos capazes de direcionar o saber internalizado de cada sujeito que enxerga e aceita o qualificado desafio de passear entre as muitas veredas apresentadas no plano da coletividade de cada texto.

São dezenove capítulos que dialogam com outros autores, que garimpam as mais límpidas e ricas reflexões no trabalho multidisciplinar e contínuo da linguagem. O ponto alto de cada um dos dezenove capítulos organizados nesta obra reitera a necessidade de realização de trabalhos coletivos, engajados e repletos de significados.

Os capítulos desta obra juntam-se às múltiplas vozes em prol de um processo educativo capaz de comunicar, informar, esclarecer, problematizar e propor soluções. Sendo assim, todos os trabalhos passeiam entre os campos das Letras, das pesquisas linguísticas e das linguagens artísticas no fazer docente.

Cada capítulo demonstra um pouquinho de como seus autores pensam, de suas essências, de suas inquietudes e de seus sonhos. Em linhas gerais, esperamos que sejam valiosas, ricas, significativas e eficazes as reflexões, doravante, apresentadas neste e-book.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CONTRIBUIÇÃO DO HISTÓRICO DE LETRAMENTO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, SÉRIES FINAIS, NA MOBILIZAÇÃO DA INTERGENERICIDADE NA ESCRITA DO DIÁRIO DE APRENDIZAGEM	
Valdení Venceslau Bevenuto Marlene Maria Ogliari	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7481923121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO ENSINO BÁSICO	
Ivan Vale de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7481923122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
A AMBIGUIDADE NO GÊNERO PIADA E A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO CAIPIRA	
Rayane Araújo Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7481923123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
A CRENÇA ABSOLUTA NA VERACIDADE DOS DISCURSOS E DO LIVRO DIDÁTICO EM DISSONÂNCIA COM A TEORIA DO LETRAMENTO: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID/ INGLÊS	
Nayara Stefanie Mandarinino Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7481923124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>44</b>
A CONDIÇÃO HUMANA DO JOVEM LAZARO DE TORMES, NO CONTEXTO DA PICARESCA ESPANHOLA	
Maria Catarina Ananias de Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7481923125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>50</b>
A FOME COMO MÓVEL DA AÇÃO DO PÍCARO: UM BREVE ESTUDO ACERCA DO PERSONAGEM LÁZARO DE TORMES	
Maria Catarina Ananias de Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7481923126</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>60</b>
A INSTAURAÇÃO DA FIGURA FEMININA SOB OS SIGNOS DA TENDENCIOSIDADE HUMORÍSTICA	
Eduardo de Lima Beserra Rodrigo Selmo da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7481923127</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>72</b>
A LITERATURA BELLATINIANA E A NARRATIVA PERFORMÁTICA	
Erika Rodrigues Coelho Natalino da Silva de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7481923128</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>80</b>
AS METÁFORAS NOS TEXTOS CIENTÍFICOS	
Patricia Luciano de Farias Teixeira Elizany Alves de Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7481923129</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>91</b>
CONTOS DE FADAS CONTEMPORÂNEOS: ROMPIMENTO COM A TENDÊNCIA TRADICIONAL OU ATUALIZAÇÃO DO GÊNERO?	
Maria Zildene Gomes Rabelo Denise Noronha Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.74819231210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>101</b>
O CONTO A BELA E A FERA À LUZ DA PSICANÁLISE NUMA VERTENTE CONSTRUTIVA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL	
Cecilia Maria Tavares Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.74819231211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>113</b>
FANTASMAGORIAS DA MODERNIDADE: UM ENCONTRO DA POESIA COM A PINTURA	
Vera Maria Luz Spínola	
<b>DOI 10.22533/at.ed.74819231212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>127</b>
MEMES VIRTUAIS, DISCURSO E LEITURA: APONTAMENTOS PARA UMA AULA DE LEITURA DISCURSIVA	
Gustavo Haiden de Lacerda Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.74819231213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>132</b>
MONITORIA ACADÊMICA DE LÍNGUA LATINA: INICIAÇÃO E APOIO AO TRABALHO DOCENTE	
Antonia Nayara Pinheiro Rolim Everton Alencar Maia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.74819231214</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>137</b>
MORFOLOGIA DERIVACIONAL: FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS EM -VEL	
Ana Lúcia Rocha Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.74819231215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>150</b>
O LAMENTO DE ANDRÔMACA EM EURÍPIDES	
Luciano Heidrich Bisol	
<b>DOI 10.22533/at.ed.74819231216</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>160</b>
PODER E IMPOTÊNCIA: O JOGO DE REPERCUSSÕES EM A RAPOSA JÁ ERA O CAÇADOR, DE HERTA MULLER	
Lucas Andreuchette Medeiros Ana Lúcia Montano Boessio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.74819231217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>167</b>
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM “O ROMANCE DO CHUPIM DE MONTEIRO LOBATO	
Lays Emanuelle Viédes Lima Márcia Maria de Medeiros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.74819231218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>179</b>
O FAZER ARTÍSTICO ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQS)	
Stéfane Cristine Luz Freire Silva Gilson de Oliveira Morais Júnior Lucas Hordones Chaves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.74819231219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>188</b>
A AMBIGUIDADE NO GÊNERO PIADA E A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO CAIPIRA	
Rayane Araújo Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.74819231220</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>200</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>201</b>

## AS METÁFORAS NOS TEXTOS CIENTÍFICOS

**Patrícia Luciano de Farias Teixeira**

Instituto Federal do Tocantins/Universidade  
Federal do Tocantins (IFTO/UFT)

**Elizany Alves de Araújo**

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

**RESUMO:** Este artigo propõe a verificação da presença ou não da metaforicidade nos textos científicos, retirados da base de dados *Scielo* de áreas de conhecimento distintas. Faz também uma breve abordagem de alguns teóricos estudiosos da metáfora bem como se apodera delas para explicar a existência ou não destas metáforas nos estudos escolhidos para a análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metáfora. Texto científico.

### THE METAPHORS IN THE SCIENTIFIC TEXTS

**ABSTRACT:** This article aims to verify the presence or not of methaphors in scientific texts from different knowledge areas from the data base *Scielo*. We also discuss some theories of methaphor as well as we use them to explain the existence or not of these methaphors in the texts chosen for analysis.

**KEYWORDS:** Methaphor. Scientific Texts.

### 1 | INTRODUÇÃO

Quem escreve um texto científico, que tem por finalidade evidenciar os resultados dos experimentos e pesquisas, busca evitar a subjetividade, a ambiguidade, primando pela clareza e objetividade na divulgação dos dados.

Um texto é um conjunto coerente de enunciados com intenção comunicativa através dos seus signos. O adjetivo científico, por sua vez, qualifica aquilo, aquele(s) ou aquela(s) pertencente(s) ou referente(s) à ciência, isto é, o conjunto de métodos e técnicas que permitem organizar a informação.

Ora, um texto científico tem por base a utilização da linguagem científica. Trata-se de um tipo de texto que recorre a uma linguagem clara, com uma sintaxe não demasiado complexa e orações ordenadas. O objetivo é que a informação não seja mal interpretada: estes textos devem, portanto, ser precisos. Quem escreve um texto científico evita termos ambíguos, já que pretende que o significado das suas palavras seja unívoco, com um único significante e significado. Por isso, tenta minimizar todo o tipo de subjetividade, destacando os dados concretos acima de quaisquer opiniões.

Portanto, espera-se não haver traços metafóricos nestes textos, uma vez que a

metáfora é entendida pelos dicionários como o emprego de uma palavra em sentido diferente do próprio por analogia ou semelhança, ou então, uma figura de retórica em que a significação habitual de uma palavra é substituída por outra, só aplicável por comparação subentendida ou mesmo como apenas uma figura de linguagem, um ornamento para ela.

De acordo com Fossile (2015), a etimologia da palavra metáfora deriva dos termos gregos *metha* e *phora*, o que vai significar levar ou conduzir a mudanças. Aristóteles foi um dos que, primeiramente, definiu que metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra. Ele sustentava que a metáfora estava vinculada aos domínios da retórica e da poética. (ARISTÓTELES, 1996).

Vários estudiosos da metáfora vão além da visão simplista e delimitada de Aristóteles. Black (1992) por exemplo, propõem que as metáforas geram novos significados. Ela cria mais do que identifica similaridades. O pesquisador apresenta a Teoria da Interação que tem como pressuposto que a metáfora é o resultado da interação entre as partes de uma sentença metafórica e que ela cria alguma coisa nova.

Já Leezenberg (2001) defende a Teoria Contextual, a qual sustenta que uma mesma sentença pode receber diferentes interpretações em contextos diversos. Para Lakoff e Johnson (2002), a metáfora é de natureza conceptual, pois é um importante instrumento de nosso aparato cognitivo e é essencial para nossa compreensão de mundo, da nossa cultura e de nós mesmos.

A metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico, mas de acordo com os autores, a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação.

Moura (2012), que também segue a Teoria Interacionista, argumenta que a metáfora está em todos os lugares, que assim como dependemos da imaginação para compreendermos o mundo, dependemos da metáfora para a comunicação. Elas são onipresentes: estão em todos os lugares por serem uma fonte perene da criatividade humana e aparece em todas as atividades verbais realizadas pelos seres humanos. Enfatiza ainda que garimpamos o novo no velho; o novo é a metáfora e o velho é a rede conceptual da linguagem.

Fossile (2015) complementa dizendo que é possível discutir que a metáfora é inovadora, que aciona e não só manifesta similaridades como também oferece *insights* cognitivos e cria novas significações. Reforça que, quando alguém interpreta uma sentença metafórica, busca correlações na linguagem com a meta de exprimir pensamentos. Isso significa que a interpretação de uma sentença metafórica não depende somente do pensamento e da linguagem, mas de uma interação entre eles.

A possível presença de metáforas nos textos científicos sugere algo análogo a uma inexatidão ou subjetividade da apresentação dos fatos e resultados, o que, teoricamente, comprometeria a clareza de entendimento ao leitor ou até mesmo daria margem à dupla interpretação da mensagem transmitida. De fato, isso seria, grosso

modo, derrubar meses de pesquisa.

## 2 | OBJETIVO

O objetivo principal deste artigo é discutir o que é metáfora, verificar se há a presença ou não de metáforas nos artigos científicos e analisar como essas metáforas interferem na compreensão desses textos.

## 3 | METODOLOGIA

O método a ser utilizado nesta pesquisa será uma análise qualitativa de dados através de análise de artigos científicos retirados da base de dados *Scielo* (*Scientific Electronic Library Online*). Os artigos científicos serão selecionados dentro das diversas temáticas das áreas de conhecimento. A análise ocorrerá de forma sistemática a fim de verificar a literalidade e/ou a metaforicidade presente nos trabalhos.

Este trabalho está dividido da seguinte maneira: primeiramente, discorreremos sobre o arcabouço teórico utilizado como base para a pesquisa – a Teoria Interacionista de Max Black e a Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson – logo após, apresentaremos e discutiremos os resultados encontrados e, por fim, passamos às considerações finais.

## 4 | TEORIA INTERACIONISTA DE MAX BLACK E A TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL DE LAKOFF E JOHNSON

Segundo Fossile (2008), a Teoria Interacionista de Black (1992) aponta para o caráter criativo da metáfora, pois para ele, algumas metáforas podem criar e gerar novos significados, não sendo possível identificar a cada declaração metafórica uma declaração literal que a explique. Portanto, uma metáfora não somente identifica similaridades, mas principalmente cria novos conceitos.

Black aponta que na Teoria Interacionista aplica-se ao sujeito principal da metáfora vários conceitos semânticos que são normalmente associados ao sujeito secundário, então temos um insight do sujeito primário, gerando o sentido metafórico. Sendo assim, as sentenças metafóricas podem ser compreendidas como *insights* cognitivos que criam algo novo, sempre formulando diferentes formas de ver o mundo.

O autor ainda enfatiza que as metáforas são instrumentos cognitivos que nos capacitam perceber certos aspectos da realidade, funcionando como uma lente que nos leva a ver o mundo sob um determinado aspecto. Nesta teoria, a interpretação de uma sentença metafórica se dá pela interação entre dois elementos, chamados de tópico e veículo, sendo o tópico o elemento do qual se fala e o veículo o elemento sobre o qual faz-se o levantamento de implicações semânticas que são associadas ao primeiro elemento, gerando o sentido metafórico.



Esta teoria procura na própria linguagem os recursos e as regras que permitem a criação de metáforas. O ponto focal da Teoria Interacionista é o fator criativo da metáfora: os novos significados são alcançados através da interação e a partir da rede conceptual da linguagem, ou seja, a partir do agrupamento, da combinação de categorias de palavras que a linguagem permite realizar.

Sendo assim, temos a Teoria Interacionista de Black (1992) de que a metáfora cria algo novo com status cognitivo, e a consideração de Moura (2012) de que o novo (*insight* cognitivo da metáfora) é buscado no velho (rede conceptual da linguagem).

Os estudos de Fossile (2015) nos traz a Teoria da Metáfora Conceptual a qual defende que as metáforas funcionam no nível do pensamento e não na linguagem. Portanto o pensamento é metaforicamente estruturado, sendo a metáfora conceptual independente do léxico.

Para Lakoff e Johnson (2002) a linguagem é uma interpretação do mundo e não uma representação deste. É a construção que fazemos dele e que tem como base nossa experiência corporal, individual, coletiva e cultural. Segundo os autores, para compreender e agir no mundo, conceptualizamos e categorizamos objetos, relações sociais, eventos, emoções e as experiências de modo que façam sentido para nós. A linguagem também tem uma função categorizadora. A maior parte da categorização que fazemos é automática e inconsciente, afirma os autores.

Segundo a Teoria da Metáfora Conceptual, as metáforas são mapeamentos entre domínios conceituais: do domínio alvo para o domínio fonte. Ou seja, levamos nossos conhecimentos (experiências) de um domínio para o outro. Um exemplo disso é a metáfora conceptual “TEMPO É DINHEIRO” que se refere ao conjunto de correspondências conceituais entre TEMPO e DINHEIRO. Temos então um conceito (tempo) sendo compreendido através de outro conceito (dinheiro).

Dela temos as metáforas linguísticas: “Economize seu tempo!” e “Não tenho tempo para gastar com você!”. Observamos que o sistema conceitual do homem surge de suas experiências corporais, sociais e culturais.

Dessa forma, analisaremos os artigos científicos ancoradas na Teoria Interacionista, em que as metáforas são percebidas como criações que geram novos significados através da interação (FOSSILE, 2015) e na Teoria da Metáfora Conceptual, que estabelece que tanto a linguagem cotidiana quanto a científica são metafóricas, compreendendo a metáfora como uma questão de intelecto e não só como simples palavras. (FOSSILE, 2015).

## 5 | ANÁLISE DOS DADOS

O *corpus* de nosso trabalho é composto por seis artigos científicos retirados da base de dados *Scielo* de diferentes áreas do conhecimento. São eles: 1- “Adaptação Experimental de uma Cepa de Influenza H5HA Confere Transmissão por Gotículas Aéreas numa Cepa Recombinante H5Ha/H1N1 do Vírus da Influenza em Furões”; 2-

“Simulador de Chuva Tipo Empuxo com Braços Movidos Hidraulicamente: fabricação e calibração; 3- “Sobre as Imobilidades do Nosso Tempo (e das nossas cidades)””; 4- “A Sociedade Cibernética”; 5- “Discursos da Globalização nas Vozes de Professores e Professoras de Língua Inglesa”; 6- “Anemia Ferropriva em Atletas Adolescentes da Fundação Vila Olímpica de Manaus- AM”.

O primeiro artigo, “Adaptação experimental de uma cepa de influenza H5HA confere transmissão por gotículas aéreas numa cepa recombinante H5Ha/H1N1 do vírus da influenza em furões”, fala sobre o papel da censura a artigos científicos, especificamente sobre a publicação de resultados de um trabalho que mostra a possibilidade da modificação genética do vírus H5N1 da influenza aviária tornando-o mais transmissível entre mamíferos. Apesar de o artigo tratar sobre avanços médicos, o autor procura apresentar não só dados científicos, mas principalmente uma espécie de “desabafo” contra a tentativa de censura da divulgação de resultados de pesquisas na área médica.

Observamos que a maior parte do texto emprega uma linguagem objetiva, clara e literal. Mas percebemos algumas metáforas empregadas, principalmente quando o autor apresenta algum exemplo ou emite sua opinião. Vejamos os trechos:

“Os neonazistas gerais argentinos consideravam todos os psicólogos como incrédulos e interessados em **demolir** a base cristã...”; “... mesmo que os **guardiões** da “moral” e dos “bons costumes” assim não quisessem...”; “...naquele caso, um “pesquisador” **abriu uma janela** que jamais deveria ter sido aberta...”; “... isso sem considerar as implicações éticas de **brincar** com essas coisas...” e “É fundamental, portanto, **perseguir** uma vacina, e esses trabalhos são um **caminho** bom para testá-la.”

As palavras empregadas metaforicamente “demolir”, “guardiões”, “janela”, “brincar” e “perseguir” parecem expandir os significados do concreto ao abstrato e expressam o pensamento abstrato em termos simbólicos. É certo que os seres humanos têm a sua disposição várias escolhas (literais, metafóricas, irônicas, etc.) ao proferir uma sentença. E não sabemos o que leva a tal escolha.

O que observamos é que a metáfora carrega com ela argumentos emocionais que nos faz interagir com quem a utilizou, uma vez que nos levam a alguma ação, pois o interlocutor, para compreender o enunciado metafórico, faz associações e busca o sentido adequado ao que foi dito. Nesse sentido, a metáfora empregada é vista como um elemento de elo entre argumentos lógicos e emocionais.

O segundo artigo, “Simulador de chuva tipo empuxo com braços movidos hidraulicamente: fabricação e calibração (1)” apresenta os resultados de um projeto em que desenvolveram um novo modelo de simulador de chuva mais leve do que o já existente no mercado.

Este artigo apresenta uma linguagem clara e objetiva e as palavras utilizadas metaforicamente, embora não estejam no sentido literal, são palavras que com o tempo ganharam novos significados. Muitas palavras literais ganham sentidos figurados

que ao longo do tempo passam a ser usadas no sentido literal também. Vejamos os exemplos:

“Simulador de chuva tipo empuxo com **braços movidos...**”; “Os dados de erosão obtidos sob chuva natural são necessários porque são resultados de eventos de chuva...”; “Em cada **braço** estão dispostos três registros tipo de **gaveta**, em aço inoxidável”; “...de modo que o **leque** fique paralelo à extensão do **braço**”.

As palavras empregadas metaforicamente “braços”, “eventos”, “gaveta” e “leque” parecem ser comumente utilizadas, chegando a parecerem literais. Segundo Moura (2012), alguns sentidos vão se proliferando ao longo do tempo, com base em associações metafóricas, derivadas do seu sentido literal, e pelo uso, essas metáforas vão se tornando convencionais ao ponto de não lembrarmos que são metáforas.

Uma vez que o artigo em análise apresenta apenas resultados de um equipamento fabricado, observa-se que o objeto é apresentado de forma concreta, buscando maior proximidade com a realidade, deixando de lado as impressões do observador. Apresenta características como: forma, tamanho, peso, cor, espessura, volume etc.

Preocupa-se com a exatidão dos detalhes e com a precisão dos vocábulos. Sendo assim, utilizando-se de poucas metáforas e estas parecem já ter se tornado convencionais. A linguagem usada, portanto, foi objetiva apresentando fatos sem acréscimo de opiniões próprias por parte do autor.

O terceiro trabalho, “Sobre as imobilidades do nosso tempo (e das nossas cidades)” discute as tentativas de controle da mobilidade humana que vem de encontro com a tese da fluidez da globalização, mais precisamente na cidade do Rio de Janeiro com seus muros, vias monitoradas etc. Neste artigo observa-se uma linguagem mais subjetiva e crítica.

Percebemos que a cidades e as favelas cariocas são transfiguradas conforme a sensibilidade do autor, ou seja, são descritas da forma como são vistas e sentidas. O observador parece transmitir para a descrição a sua emoção em relação ao objeto. E para isso, observamos o uso de várias metáforas. Vejamos os exemplos:

“As distâncias parecem **evaporar-se...**”; “...as fronteiras se **diluem...**”; “Enquanto a primeira lê a cultura como **enraizamento** e tradição e o lugar como “pausa”...”; “...os espaços favelados não se deve ao **peso** das representações estigmatizadoras...”; “Há muito **alimentou-se** no Rio o mito da cidade partida, ...”; “...seja pelas incursões da polícia, seja por meio das **malhas** do clientelismo,...”; “O Estado sempre lançou os seus **tentáculos** sobre os espaços segregados”; “...que dão as **cartas** num mundo dito cada vez mais **móvel** e **fluido**”.

Observamos que nos trechos em que o autor se utiliza de metáforas, estes se tornam muito mais subjetivos e o receptor necessita muito mais de sua capacidade de entendimento e interpretação. Porém esse entendimento não é prejudicado.

Segundo a Teoria Conceptual falar e entender metáforas só é possível porque existem metáforas no sistema conceitual humano. Seu uso é automático, não

exigindo, portanto, esforço de interpretação, fazendo parte do modo de pensar de uma comunidade linguística.

O quarto estudo selecionado, “A sociedade cibernética”, analisa as mudanças ocorridas na sociedade na transposição de uma época, a modernidade industrial, à outra, a modernidade cibernética. São épocas marcadas por acontecimentos diferenciados nos campos da tecnologia, do conhecimento e da informação. Neste trabalho pôde-se observar a existência das metáforas em vários trechos, como:

“...o físico e o virtual passam a coexistir na **cumplicidade** e complexidade da configuração cibernética...”; “... a funcionalidade do ciberespaço-tempo é garantida por um sistema de **enlaces** interconectados em **teias** informáticas diferentes...” “...o ciberespaço-tempo é ao mesmo tempo material e virtual, uma entidade desterritorializada...”, “...não sofrem influências das profundas e **turbulentas** transformações na região onde a densidade da matéria é maior...”, “...o que há é transformação no tempo-espaço onde a matéria, a energia e a vida **encenam suas histórias** de coexistência e sucessão...”, “...cada geração **crystaliza** um tempo vivido...”, “...o **calendário que nos empurra** para a **orla** do tempo...”, “...mudanças e rupturas inundam o **cenário** da vida”.

Aqui neste artigo o uso das metáforas sugerem em alguns momentos do estudo estar mais inclinado à objetividade da língua e em outros carecem de um conhecimento linguístico maior para os aspectos de interpretabilidade das frases anunciadas.

Fica bastante evidente que o que se pretendia era facilitar o entendimento de quem lia, como também pontuar determinados aspectos de outras maneiras, possivelmente alcançando um novo significado da palavra, como na palavra “crystalizar”, no sentido de “endurecer”, “congelar”, “fixar” ou também como na palavra “inundar” no sentido de “encher”, “completar”, ou “complementar”.

O quinto artigo, “Discursos da Globalização nas Vozes de Professores e Professoras de Língua Inglesa”, discute a constatação de que professores e professoras são amplamente influenciados pelos variados e conflitantes discursos sobre globalização e o ensino do inglês.

Nele observa-se também a presença das metáforas, como:

“... aqueles que **defendem** a manutenção da nação e suas rígidas fronteiras...”; “as **vozes**, nesse caso, não representam simplesmente espaços enunciativos em oposição...”; “...**vozes do texto** que lhes foram apresentados...”; “...o professor procura mostrar as várias **faces** de uma mesma questão para que o aluno tenha dela uma visão mais completa e possa perceber as relações de poder envolvidas no processo...”

Neste estudo se pode observar também o uso das metáforas que exigem um pouco mais de interpretabilidade por parte de quem lê a pesquisa. As palavras acima destacadas sugerem uma personificação alegórica das mesmas, como se elas tivessem vida própria, uma representação além do que elas realmente representam, e arrisco a ir mais longe um pouco, um uso até perigoso em virtude da transmissão dos

resultados e entendimentos objetivos, podendo causar compreensão ambígua.

Neste artigo o uso das metáforas nos remete também às teorias de Black (1993, apud FOSSILE) onde ele sustenta que uma mesma declaração metafórica pode receber um número de diferentes e conflitantes leituras, que o significado de uma metáfora pode ser plausível para um leitor e para outro não e que há uma inescapável indeterminação na interpretação da metáfora.

Diante disto, concordamos com Sardinha (2007, p.30) quando ele enfatiza que “vivemos de acordo com as metáforas que existem na nossa cultura; praticamente não temos escolha: se quisermos fazer parte da sociedade, interagir, ser entendidos, entender o mundo, etc., precisamos obedecer às metáforas que nossa cultura nos coloca à disposição”.

O sexto trabalho, “Anemia Ferropriva em Atletas Adolescentes da Fundação Vila Olímpica de Manaus-AM” vai abordar a identificação da prevalência de anemia ferropriva e sua associação com indicadores nutricionais de atletas adolescentes participantes do Programa de Iniciação Esportiva da Fundação Vila Olímpica de Manaus-AM diante da escassez de informação quanto ao estado nutricional de atletas jovens, além de sugerir adoção de medidas efetivas de intervenção e de educação nutricional visando à minimização e/ou o controle da anemia ferropriva.

Este trabalho também contou com a participação metafórica das palavras, porém, com menor incidência, como:

“...podem caracterizar **desvios** nutricionais...” “... tal achado é considerado preocupante...”, “... a alimentação adequada é o principal **instrumento no combate** a deficiência de ferro...”.

Observa-se que as metáforas presentes estão sendo utilizadas no intuito de facilitar o entendimento de quem lê a pesquisa, dizendo a mesma coisa de outro modo, sempre se pautando pelo viés mais objetivo da linguagem. No caso da palavra “combate”, por mais que ela esteja ligada à “guerra” parece ter sido convencionalizada à utilização deste termo no sentido de “finalizar, acabar” com o problema encontrado que, aqui no caso, é a deficiência de ferro no organismo dos adolescentes. O seu uso sugere uma cristalização de sua metaforização, pois pouco se apresenta como metáfora, se apresentando mais como uma palavra comum.

Concordamos aqui novamente com Sardinha (2007), onde ele afirma que no campo da divulgação científica, que é vital para a inserção da pesquisa na sociedade, notamos que, em geral, as metáforas são um recurso bastante utilizado. Entretanto, percebemos que muitas metáforas são deixadas implícitas. Trazer à tona tais metáforas é, muitas vezes, uma atividade necessária, pois pode ajudar na compreensão de textos científicos.

Além disso, estar ciente delas pode ajudar na produção de trabalhos acadêmicos, na medida em que os autores de trabalhos científicos podem passar a se expressar de

modo mais eficiente e mais em sintonia com as expectativas do discurso acadêmico.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS E TRABALHOS FUTUROS

Este estudo teve como objetivo, em uma pesquisa qualitativa de dados, observar a presença ou não do emprego de metáforas em textos científicos. Todos os estudos foram retirados aleatoriamente da base de dados *SciELO* (*Scientific Electronic Library Online*). Em todos os artigos selecionados e analisados pôde ser fortemente observada a presença de metáforas na composição dos seus textos, uns com maior outros com menor incidência.

A este propósito, Coracini (1991) corrobora a este estudo enfatizando que mesmo a linguagem científica, que supomos ser literal, é rica em metáforas. Nas ciências biológicas, as células são classificadas como idosas, mães, filhas, companheiras. A observação de que a linguagem é impregnada de metáforas levou muitos estudiosos a terem uma nova visão de mente.

O presente estudo verificou a incidência das metáforas no texto científico, mas não o quanto os usos de termos metafóricos estão presentes nos textos de áreas de conhecimentos diferentes. Porém, percebemos que quanto mais voltado para a área de humanas a presença das metáforas nos pareceu mais forte ao passo que quanto mais textos das áreas de exatas, a incidência pareceu-nos menor, embora ainda presentes, corroborando às proposições dos teóricos apresentados neste trabalho, que afirmam que é praticamente impossível o não uso das metáforas em qualquer tipo de texto, seja ele verbal ou não verbal, científico ou não.

A incidência metafórica é uma proposta de trabalho futuro, já que os estudos nesta área ainda são incipientes. De acordo com Moura (2012), assim como dependemos da imaginação para entender o mundo, dependemos também das metáforas para a comunicação. E elas são onipresentes: estão em todos os lugares. Está em todas as partes porque é uma fonte perene da criatividade humana e aparece em todas as atividades verbais realizadas pelos seres humanos.

Assim, a metáfora começa a ser vista como um elemento importante no processo de entendimento da própria compreensão humana e não mais como um simples ornamento do discurso (LAKOFF & JOHNSON, 1980, 1999). E a ciência, mesmo com seu véu de objetividade e de concretude, necessita de metáforas para existir. Sem elas não tem sido possível levantar hipóteses, fazer descobertas, interpretá-las comunicá-las, debatê-las ou perfazer qualquer outra tarefa-chave no universo da pesquisa. (SARDINHA, 2007).

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad.: Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1996.

BERTOL, Ildegardis; BERTOL, Camilo; BARBOSA, Fabrício Tondello. **Simulador de chuva tipo**



**empuxo com braços movidos hidráulicamente: fabricação e calibração.** Rev. Bras. Ciênc. Solo, vol. 36, n. 6, p.1905- 1910, dez 2012.

Disponível em: <http://www.scielo.org/cgi-bin/wxis.exe/applications/scielo-org/iah>

Acesso em: 21-07-2016

BLACK, M. **Como as Metáforas Funcionam: uma resposta a D. Davidson.** In.: SACKS, Sheldon (Org.). **Da Metáfora.** SP: Educ, 1992.

**Conceito de texto científico** – O que é, definição e significado.

Disponível em: <http://conceito.de/texto-cientifico#ixzz49xiGtLx3>

Acesso em 28-05-2016

CORACINI, Maria José. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência.** São Paulo: Educ: Campinas: Pontes, 1991.

DICIONÁRIO Online Priberam – “**metáfora**”, In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa 2008-2013.

Disponível em: <https://www.priberam.pt/DLPO/met%C3%A1fora>

Acesso em 28-05- 2016

FOSSILE, Dieysa Kanyela. **Metáforas verbais: um estudo analítico- descritivo.** Palmas: Eduft, 2015.

\_\_\_\_\_. **Um passeio pelos estudos da metáfora.** Revista de Letras. Curitiba, n. 14, p. 01-15, 2011.

Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2332>

Acesso em: 29-06- 2016

HAESBAERT, Rogerio. **Sobre as imobilidades do nosso tempo (e das nossas cidades).** Mercator, Fortaleza, vol. 14, n. 4, Número Especial, p. 83-92, dez. 2015.

Disponível em: <http://www.scielo.org/cgi-bin/wxis.exe/applications/scielo-org/iah>

Acesso em: 21-07-2016

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark L. **Metáforas da vida cotidiana.** São Paulo: Mercados das Letras, 2002.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo. **Vamos pensar Metáfora?** São Leopoldo: Unisino, 2012.

NUNES, Sandra Maria Trindade *et al.* **Anemia ferropriva em atletas adolescentes da Fundação Vila Olímpica de Manaus-AM.** Acta Amaz., Manaus, vol. 38, n. 2, p. 263-266, 2008.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S004459672008000200009>

Acesso em: 29-06-2016

PASTERNAK, Jacyr. **Adaptação experimental de uma cepa de influenza H5HA confere transmissão por gotículas aéreas numa cepa recombinante H5Ha/H1N1 do vírus da influenza em furões.** Einstein, São Paulo, vol. 10, n. 3, p. 391-393, set 2012.

Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679450820120003006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679450820120003006)

Acesso em 29-06-2016

SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora.** São Paulo: Parábola, 2007.

VIEIRA, Euripedes Falcão. **A sociedade cibernética.** Cad. EBAPE.BR, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 2, p. 01-10, junho 2006.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S167939512006000200008>

Acesso em: 29-06-2016



ZACCHI, Vanderlei J. **Discursos da globalização nas vozes de professores e professoras de língua inglesa**. Trabalhos de Linguística Aplicada, Campinas, vol. 45, n. 1, p. 9-27, junho 2006.

Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_artte&pid=S01031813200600010002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artte&pid=S01031813200600010002)

Acesso em 29-06-2016

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Ivan Vale de Sousa** - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Licenciado em Letras: Português/Espanhol e Respectivas Literaturas pela Fundação Universidade do Tocantins. Licenciado em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 13, 14, 16, 17, 20, 22

Ambiguidade 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 80, 103, 119, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198

Aprendizagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 37, 75, 101, 102, 108, 110, 132, 133, 135, 179

### B

Bilinguismo 14, 15, 20

### C

Contexto laboral 60

Contos de fadas 91, 92, 93, 95, 96, 100, 101, 102, 103, 108, 109, 110, 111, 112

Currículo escolar 13, 16, 17, 19

### D

Discursos 13, 14, 18, 19, 20, 22, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 84, 86, 90, 128, 131, 158, 172

### E

Educação linguística 17, 23, 36

Ensino básico 13, 15, 17, 18, 21

Ensino fundamental 1, 2, 4, 11, 36, 37, 42, 180

Equidade 17, 22

Escola regular 15, 18, 20, 42

Escrita 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 25, 33, 34, 45, 50, 53, 72, 73, 92, 99, 108, 109, 130, 165, 178, 189, 198, 199

Euripedes 89

### F

Figura feminina 60, 61, 66

Formação bilíngue 13

### G

Gramática 13, 15, 134, 136, 138, 140, 148, 200

### H

Herta Muller 160, 161, 165

Histórias em quadrinhos 179, 180, 181, 182, 187

## I

Igualdade 17, 20, 136, 164, 174

Inclusão 4, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 142

## L

Lázaro de Tormes 47, 50, 55

Leitura 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 24, 27, 40, 45, 46, 49, 51, 53, 55, 58, 101, 102, 103, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 127, 128, 129, 130, 131, 153, 160, 162, 163, 164, 165, 179, 180, 181, 188, 191

Letramento 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 18, 20, 21, 22, 35, 36, 37, 39, 42, 112

Língua 2, 4, 5, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 51, 61, 63, 64, 65, 72, 84, 86, 89, 90, 106, 108, 111, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 155, 181, 189, 198, 199, 200

Língua Brasileira de Sinais 13, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23

Língua Latina 132, 133, 134, 135, 136

Língua Portuguesa 2, 4, 5, 10, 11, 14, 15, 21, 34, 51, 72, 89, 111, 127, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 147, 181, 199, 200

Literatura 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 59, 72, 74, 91, 92, 95, 96, 100, 102, 108, 109, 110, 112, 120, 124, 143, 148, 160, 161, 165, 167, 168, 169, 179

Livro didático 33, 34, 35, 36, 37, 198, 199

## M

Memes 127, 128, 129, 130, 131

Metáforas 68, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 163

Monteiro Lobato 167, 168

Morfologia 137, 138, 142, 145

## P

Piada 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 60, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

Poesia 7, 113, 117, 118, 152, 156

Psicanálise 64, 95, 101, 102, 103, 109, 111, 112

